



Fernando Pessoa  
Jean Seul de Méluret

AQUI JAZ A FRANÇA  
MERDA

seguido por

NA FALTA DE MELHOR  
ALGUNS VERSOS

*Prefácio, estabelecimento do texto e notas  
por Hervé Baudry  
Tradução portuguesa  
por Andreína Beires Moreira  
Revisão por Simone Lopes*

La Ligne d'ombre

Fernando Pessoa  
Jean Seul de Méluret

CI-GÎT LA FRANCE  
MERDE

suivi de

FAUTE DE MIEUX  
QUELQUES VERS

*Préface, établissement du texte et notes  
par Hervé Baudry  
Traduction portugaise  
par Andreлина Beires Moreira  
Révision par Simone Lopes*

La Ligne d'ombre

Nome completo suposto : Jean Seul de Méluret.  
É suposto ter nascido a 1 de Agosto de 1885, um ano mais velho que Charles Search e mais três do que Alexander.  
Tarefa : escrever em francês – poesia e sátiras ou trabalhos científicos com uma intenção satírica ou moral.

*Full name supposed to be : Jean Seul de Méluret.  
Supposed to be born in 1885 on the 1<sup>st</sup> of August, one  
year older than Charles Search and three older than  
Alexander.  
Task : writing in French – poetry and satire or scientific  
works with a satirical or moral purpose<sup>1</sup>. <sup>a</sup>*

## Degenerescência

Que a degenerescência do nosso tempo se manifesta mais nitidamente na França é natural, sendo esse paiz o *meneur* da civilização occidental.<sup>1</sup>

### Prefácio

Aqui, em Lisboa, e absorvido em ocupações que nos distanciam, lemos há alguns meses este facto, que até esse dia nos era ignorado, de que estavam expostas, nos music-halls, em Paris, mulheres nuas. Isso cheirava tanto a decadência – a grande, a profunda decadência – que a surpresa foi mais do que dolorosa. Mas não havia nisso – estou a pensar – motivo para espanto. Atendendo às imensas forças da decadência – se há alguma coisa a que possamos chamar uma força de decadência – desencadeadas há muito tempo na civilização moderna e, nomeadamente, em França, que a representa mais que qualquer outra nação, não era difícil prever que dentro de pouco tempo apareceriam formas mais acentuadas – mais acentuadas, quero dizer, para a visão – de degenerescência social.

No entanto todo o espírito naturalmente, embora modestamente, apaixonado pelo bem da humanidade adormecia voluntariamente, querendo escapar de qualquer maneira ao inevitável por ignorância. Mas isto não podia durar. Estas « formas mais acentuadas », mais visíveis « da decadência », das quais eu tenho vindo a falar, hão-de aparecer. Vindo esse dia, o perigo visto claramente, completamente, não haverá

## Dégénérescence

Que la dégénérescence de notre temps se manifeste plus nettement en France est naturel, puisque ce pays est le meneur de la civilisation occidentale<sup>2, b</sup>

### Préface

Ici, à Lisbonne, et absorbé dans des occupations qui nous éloignent, nous avons lu il y a quelques mois ce fait, qui jusqu'à ce jour-là nous était resté ignoré : de ce qu'on exposait, dans des music-halls, à Paris, des femmes nues. Cela sentait si fort la décadence – la grande, la profonde décadence – que la surprise m'a été plus que douloureuse. Mais il n'y avait pas là-dedans – je réfléchis – de quoi s'étonner. Étant donné les immenses forces de décadence – s'il y a quelque chose que l'on puisse appeler une force de décadence – déchaînées depuis longtemps dans la civilisation moderne et, spécialement, en France, qui la représente plus que toute autre nation, il n'était pas difficile de prévoir que dans peu de temps apparaîtraient des formes plus accentuées – plus accentuées, je veux dire, pour la vision – de dégénérescence sociale.

Et pourtant tout esprit naturellement, quoique modestement, épris du bien de l'humanité s'endormait volontairement, en voulant échapper en quelque manière à l'inévitable par l'ignorance. Mais ceci ne pouvait durer. Ces « formes plus accentuées », plus visibles « de la décadence », dont je viens de parler, devraient un jour se présenter. Ce jour venu, le péril vu clairement, complètement, il n'y aurait

desculpa para o espírito mais modesto na sua sinceridade, seja para sonhar, seja para esperar, seja para querer ignorar. Sonhar, esperar passivamente, ignorar voluntariamente – seria cobardia moral, cumplicidade, ou por cobardia ou por analogia de natureza.

Quando os canhões rebentam, quando sobe o fumo da pólvora, não podemos ignorar que a batalha começou. Abster-se de participar, recusar defender os seus, seria uma cobardia pura ou uma traição.

Ora a guerra entre a decadência e a sociedade rebentou, que os fortes e os sãos de espírito, os lógicos, os coerentes, os pensadores, os sinceros venham defender a humanidade do homem.

## II

O intuito deste livro está indicado nas linhas mais acima. Ele é apenas uma bala no combate. Mas estudemos antes, em poucas linhas, a forma que deverá ter esta batalha. Se nós fôssemos um grande e forte espírito, instruído e ponderado, abordaríamos a questão da degenerescência da civilização ocidental, e, sobretudo, da França, em toda a sua dimensão, estudando todas as suas formas e todas as suas tendências, etc. Estudariamos a etiologia, os sintomas, a terapêutica, faríamos o seu prognóstico na medida do possível. Este livro, se o pudéssemos escrever, seria uma bela obra, uma obra verdadeiramente útil. Mas empreendê-la, não somente para nós, mas para muitos que valem bem mais do que nós, conduziria a uma obra falhada.



pas d'excuse pour l'esprit le plus modeste dans sa sincérité, soit pour rêver, soit pour espérer, soit pour vouloir ignorer. Rêver, espérer passivement, ignorer volontairement – ce serait lâcheté morale, complicité, ou par lâcheté, ou par analogie de nature.

Quand le bruit des canons éclate, quand la fumée de la poudre s'élève, on ne peut ignorer que la bataille a commencé. S'abstenir d'y prendre part, refuser de défendre les siens, ce serait, ou une lâcheté pure ou une trahison.

Or la guerre entre la décadence et la société a éclaté ; que les forts et les sains d'esprit, les logiques, les cohérents, les penseurs, les sincères viennent défendre l'humanité de l'homme.

## II

Le but de ce livre reste indiqué dans les lignes ci-dessus. Il n'est qu'une balle dans le combat. Mais étudions d'abord, en quelques lignes, la forme que doit prendre cette bataille. Si nous étions un grand et fort esprit, instruit et pondéré, nous aborderions la question de la dégénérescence de la civilisation occidentale, et, surtout, de la France, dans toute son ampleur, en étudiant toutes ses formes, toutes ses tendances, etc. Nous en étudierions l'étiologie, les symptômes, la thérapeutique ; nous en ferions le pronostic dans la mesure du possible. Ce livre-là, si l'on pouvait l'écrire, serait une belle œuvre, une œuvre vraiment utile. Mais l'entreprendre, non seulement pour nous, mais pour beaucoup qui valent bien plus que nous, n'aboutirait qu'à une œuvre manquée.

Nós pegámos apenas *num facto* – reportemo-nos às primeiras linhas deste prefácio – e desse facto procurámos deduzir o estado da consciência e do psiquismo social o qual não era mais do que uma manifestação.

Mesmo assim, a obra não se torna fácil. Temos, antes de mais, de provar algo que, apesar de ser verdade, muita gente não queria acreditar ; de seguida é preciso fazer sair desse facto, assim esclarecido, a significação que ele tem como sintoma. E já é muito.

Porém, não estamos satisfeitos, se o nosso livro chama um pouco a atenção, não exclusiva ou especialmente sobre o facto que o provocou, mas sobre o estado de espírito colectivo que este facto representa.

Jean Seul, Lisboa.

Ouvi contar há tempos uma anedota sobre uma parteira que por negligência pôs uma criança na cama com a cabeça para baixo e aqueles que vinham apenas viam o traseiro, retiravam-se horrorizados pela monstruosidade acabada de ser posta no mundo. Como vemos, a anedota é provável, mas neste caso é superlativamente instrutiva.

Pois convenhamos que assim como o traseiro da criança acima mencionada era o seu retrato, assim a cidade de Paris era digna do nome de cérebro da Europa.

Vejo para onde se encaminha todo o mundo literário : escrever o romance sobre o *De Modo Cacandi* de Tartaretus.

Nous avons donc pris *un fait* seulement – le fait que nous rapportions aux premières lignes de cette préface – et de ce fait nous avons cherché à déduire l'état de la conscience et du psychisme social dont il n'était qu'une manifestation.

Même ainsi, l'œuvre ne devient pas facile. On a d'abord à prouver une chose que beaucoup de gens ne voudraient pas croire, si vraie qu'elle soit ; ensuite, il faut faire sortir de ce fait, ainsi éclairé, la signification qu'il a comme symptôme. C'est déjà beaucoup.

Nous ne sommes cependant pas satisfaits, si notre livre appelle un peu l'attention, non exclusivement ou spécialement sur ce fait qui l'a provoqué, mais sur l'état de l'esprit collectif que ce fait représente.

Jean Seul, Lisbonne.<sup>c</sup>

J'ai entendu conter il y a peu de temps l'anecdote qu'une sage-femme ayant par négligence mis un enfant au lit la tête en bas et ceux qui venaient n'en ayant vu que le derrière, ceux-ci se seraient retirés plein d'horreur de la monstruosité qui venait d'être mise au monde. Comme on le voit, l'anecdote est probable mais dans ce cas-ci elle est superlativement instructive.

Car je conviens qu'autant que le derrière de l'enfant susdit était sa figure, la ville de Paris est digne du nom de cerveau de l'Europe<sup>3</sup>.

Je vois où tend le monde littéraire tout entier : à faire le roman sur le *De Modo Cacandi* de Tartaretus<sup>4</sup>.

Responde-lhes : Não te consideres grande mas, com certeza, maior do que todos eles. Respeito moral e social. Tem piedade deles universal e indubitavelmente.

O meu próprio caso e as minhas próprias tendências.

Tinha lido desses livros e, sentindo o efeito que eles me faziam, prevendo em mim o começo da corrupção, revoltei-me, indignei-me, primeiro contra mim mesmo, depois contra esses escritores.

Confesso, sem penitência alguma, sou inteiramente um revoltado, só me revolto contra o mal. É por esta razão que me intitulo revoltado ; se eu fosse como a grande maioria dos revoltados...

Sátira francesa

Dedicatória. Ao Tempo.

Caro e estimado mestre...

Não gosto mais da França do que qualquer outro país, para mim todos os países são a mesma coisa. Do que eu não gosto é da corrupção e da decadência. Pouco me importa o sistema de sociedade que tem cada povo, ou qual é a sua maneira de pensar, mas o que não me agrada é que este sistema seja aquele dos chulos e que esta maneira de pensar seja a dos idiotas e dos imbecis.

De resto, os Srs. Du Saussay e a Sra. Jane de la Vaudère, poderão continuar a escrever os seus romances (passo a palavra), os seus poemas em prosa (onde não há nem poesia nem prosa dignas deste nome), os seus estudos sobre os costumes

*Answer to them : Consider self not great, but, certainly, greater than them all. Moral and social respect. Pitty them universally and undoubtedly.*

*My own case and my own tendencies<sup>5</sup>.*

J'avais lu de ces livres et sentant ce qu'ils faisaient en moi, flairant en moi le commencement de la corruption, je me suis révolté, indigné, d'abord contre moi-même, puis contre ces écrivains.

Je le confesse, sans pénitence aucune, je suis entièrement un révolté, je ne me révolte que contre le mal. C'est pour cette raison que je m'appelle révolté ; si j'étais comme la plus grande partie des révoltés...<sup>d</sup>

*French Satire*

Dédicace. Au Temps.

Cher et estimé maître...

Je n'aime pas la France plus que je n'aime quelque autre pays ; pour moi tous les pays sont la même chose. Ce que je n'aime pas, c'est la corruption et la décadence. Il m'importe peu quel système de société a n'importe quel peuple, ou quelle est sa façon de penser ; mais ce qui ne plaît pas c'est que ce système soit celui des souteneurs et que cette façon de penser soit celle des idiots et des imbéciles.

Du reste, MM. Du Saussay etc. M<sup>mes</sup> Jane de\* la Vaudère<sup>6</sup>, ... , pourront continuer à écrire leurs romans (passe le mot), leurs poèmes en prose (où il n'y a ni poésie, ni prose digne de ce nom), leurs études de mœurs de tel ou tel pays, de

## TABLE

Préface . . . . .	1
Avertissement . . . . .	21
Ci-gît la France	
Dégénérescence . . . . .	27
La France en 1950 . . . . .	81
L'exhibitionnisme . . . . .	97
Principaux titres . . . . .	113
Faute de mieux . . . . .	115
Notes . . . . .	133
<i>Notas</i> . . . . .	138
Concordance . . . . .	141